

# Escavidão, comércio e trânsitos culturais: povos, lugares e culturas. Séculos XVIII e XIX

Revisão Historiográfica

Ana Clara Chagas Leite, UESB, [acchagasleite@gmail.com](mailto:acchagasleite@gmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho está ligado ao Laboratório de Estudos da Escavidão e das Mestiçagens (LABEEM), seguindo seus métodos e sua linha de pesquisa, que tem sua base teórica voltada para as atividades de escravos. Foi utilizado autores que seguem nesse mesmo método, tendo como foco da pesquisa de iniciação científica o estudo de casos de mulheres escravas ou forras que ocupavam lugar de destaque na sociedade. Essa linha de pesquisa procura ir de encontro à historiografia que por muito tempo negligenciou o estudo das atividades dos escravos, colocando-os apenas como integrantes passivos de uma sociedade. Durante a vigência da bolsa FAPESB, ocupei-me em grande parte fazendo transcrições de inventários *post-mortem*, que foram deixados por mulheres do século XIX, registrados na Vila de Santa Isabel do Paraguassú (atual município de Mucugê). Nesses inventários há registros de posses e bens que essas mulheres deixaram para seus herdeiros. E a partir da análise destes, é possível fazer diversas pesquisas para desvendar qual era o verdadeiro papel, e a posição social, que essas mulheres ocupavam na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres, escavidão, mestiçagem

## INTRODUÇÃO

O objetivo dessa iniciação científica é demonstrar como as relações sociais do período escravista eram heterogêneas, especialmente no Brasil, onde a formação da população se deu através das mestiçagens que, muitas vezes, numa pluralidade de relações onde a rigidez entre branco e escravo precisou ser ultrapassada. Como minha análise foi feita em documentos de mulheres, destaco que estas sofriam e enfrentavam muitas dificuldades pela sua condição de mulher e escrava, mas é necessário compreender os documentos que demonstram que essas mulheres

arranjaram meios para se estabelecerem socialmente. Muitas dessas mulheres compravam suas alforrias, e outras buscavam se manter alforriadas, mas isso não significava que elas eram vistas com bons olhos diante da sociedade, especialmente por aqueles que se consideravam brancos.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

No período colonial brasileiro, brancos, negros, indígenas e mestiços, subdivididos em grupos menos abrangentes, que demarcavam diferenças internas, como, por exemplo, homens e mulheres, velhos e jovens, ricos e pobres, construíram um mundo marcado pela pluralidade e pela mobilidade. Tradições reforçadas e repetidas, mas também recriadas e adaptadas na colônia, através dos contatos cotidianos entre esses grupos, suas diversas origens e seus diferentes posicionamentos sociais. (PAIVA, 2001, p.31)

Neste trabalho, seguindo a linha de pesquisa do laboratório, foquei na mobilidade social, perpassando por uma análise historiográfica voltada para o período da escravidão. A abordagem de Gilberto Freyre (2006) a respeito da escravidão, em 1932, provocou um enorme alvoroço em relação ao tema, o que possibilitou a essa temática um leque de possibilidades e reanálises para tentar chegar a uma conclusão de quais foram os vestígios deixados pela escravidão. E por mais que as gerações posteriores de acadêmicos brasileiros tenham se distanciado da abordagem feita por Freyre, a centralidade do estudo da escravidão foi um legado deixado por este. (SCHWARTZ, 2001, p.42).

Foi a partir dos anos de 1980 que a chamada História da família veio a se consolidar no Brasil. E o estudo voltado para a família escrava, o que contrastou com uma historiografia que afirmava que não havia essa constituição familiar com os escravos. Por um longo período na historiografia, os trabalhos em evidência dificilmente colocavam as mulheres em posição de destaque, e segundo Xavier (2012) “mesmo em uma sociedade escravista fortemente marcada pela hierarquia de gênero, nem sempre o resultado das relações de poder foi apenas negativo para as mulheres.” E como citado acima, Paiva (2001) apresenta a mobilidade social a partir da interação entre grupos distintos, deixando evidente que as relações sociais não eram tão rígidas quanto parte da historiografia retrata. Ou seja, havia interação entre esses grupos, e era possível, como mostra a documentação, que as mulheres pudessem enriquecer.

“Quando a cor não é fixa ou a ascensão social não provoca a mudança de cor, dá-se pouca atenção. Sobretudo, geralmente pesquisadores não se debruçam sobre o que provoca a mudança de cor.” (GUEDES, 2008, p.94). Segundo a análise de Roberto Guedes, uma pessoa poderia mudar de cor, e é necessário que os pesquisadores deem atenção aos fenômenos que faziam essa ascensão social. As organizações de pretos, pardos e mulatos, diferentemente de outras colônias portuguesas, não havia uma diferenciação de negros e mulatos libertos, pois o crescimento dessa população era constante e conseqüentemente estreitava as relações sociais. Portanto, é necessário compreender as condições que eram expressas durante o período da escravidão, compreendendo que não havia uma rigidez na relação das qualidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a vigência da bolsa FAPESB transcrevi diversos inventários, junto a colegas também ligados ao Laboratório LABEEM, e esses testamentos irão compor o banco de dados do laboratório, possibilitando que muitas pesquisas sejam feitas a partir dos dados coletados. Fazendo um compilado de dados vistos nos inventários foi possível montar tabelas com os pontos mais importantes destacados.

**TABELA 1 – INVENTARIANTES**

Proprietárias Inventariantes	Terras	Valores	Casas	Valores	TOTAL
Anna Angélica Pereira Dutra	—	—	—	—	0
Roza Lima dos Santos	1	800.000	1	800.000*	800.000
Senhorinha Teixeira de Araújo	—	—	—	—	0
Perpétua Teles Barbosa S. J.	—	—	1	—	**
Martinha Libania	—	—	1	100.000	100.000
Josepha Maria Cardoso	1	40.000	—	—	400.000
Francisca Ignacia da Gloria	—	—	2	600.000	600.000
Mariana de Sousa	1	200.000	—	—	200.000
Maria Vitoria Duarte	—	—	1	—	**
Rita Sophia da Costa	3	2:516.000	2	550.000	3:066.000
Francisca M. do Espírito Santo	2	110.000	—	—	110.000
Maria Magdalena do E. S.	1	180.000	1	1:000.000	1:180.000
Maria Magdalena Novaes Rocha	8	26:700.000	—	—	26:700.000
<b>PERCENTUAL</b>					
	53,84%		53,84%		

**TABELA 2 - ESCRAVOS POR IDADE**

	Não identificado	0 - 14 anos	15 – 25 anos	26-40 anos	+ 41 anos	Total
MULHERES	3	26	17	15	3	64
HOMENS		24	20	16	6	66
TOTAL	3	50	37	31	9	130

Na tabela 1, estão os nomes das mulheres que deixaram seus inventários, e em seguida estão listados seus bens. A quantidade e os valores listados na tabela expressam as atividades que essas mulheres mantinham. Na tabela 2 estão a quantidade de escravos que possuíam, e é nítida a semelhança de posse entre homens e mulheres.

E analisando essas tabelas, é possível concluir que essas mulheres tinham atividades sociais, pois, “ Em primeiro lugar, e no aspecto material, sugiro que quem tem escravo, nem que seja um só, não pode ser considerado pobre nesta sociedade, em qualquer época” (FARIA, 2004, p.143-144). É importante frisar que nesses documentos não constam que se tratam de mulheres forras ou livres, mas analisando o período pode ser possível que algumas destas tenham conquistado sua alforria, pois, “Na Bahia, não foi diferente, entre fins do século XVIII e primeiras décadas do XIX, muitas mulheres livres de cor e libertas governaram escravos e administraram negócios, tornando-se verdadeiras pontes de processos de mobilidade social. ” (XAVIER; FARIAS; GOMES, 2012, p.24)

## **CONCLUSÃO**

De acordo com Paiva (2002), haviam dinâmicas sociais que surgiam de acordo com o contato de povos distintos, sendo assim, algumas práticas de povos vindos da África permaneciam presentes e se estenderam por longo tempo, nisso incluí práticas relacionadas as mulheres pretas. Sendo assim, a utilização de novos conceitos e as reflexões que surgem através da sua análise, são bases teóricas para se construir um novo olhar historiográfico. O ofício do historiador requer muito conhecimento teórico, e para analisar os documentos com precisão é necessário um

estudo rebuscado e detalhado dos inventários, pois essas mulheres que fizeram seus testamentos tem ainda muito a dizer sobre seu papel social. Com o enfoque nelas, é notório que a historiografia tradicional se equivocou com sua análise em relação as mulheres, pois suas práticas sociais e comerciais são destacadas nos inventários, e negar sua atividade seria negar a própria história.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Isnara Ivo, a UESB, e em especial a FAPESB, pois com o auxílio da bolsa me proporcionou fazer parte desse projeto tão importante que tem um significado fundamental para se entender o papel das mulheres no período da escravidão.



**Estado da Bahia**

## REFERÊNCIAS

SCHWARTZ, Stuart B. Escravos, roceiros e rebeldes, Bauru, EDUSC, 2001.

PAIVA, Eduardo França. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: PAIVA, Eduardo França & ANASTASIA, Carla Maria Junho. (orgs.) O trabalho mestiço; maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFMG, 2002, p. 187-207.

FARIA, Sheilla. “Sinhás pretas, damas mercadoras”: As pretas forras nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700 a 1850)” 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

PAIVA, Eduardo França. Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789, Belo Horizonte, UFMG, 2001.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. 51º ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

XAVIER, Giovana; et al. Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação, São Paulo, Selo Negro, 2012.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus Editora, 5ª ed, 1997.

GUEDES, Roberto. Egressos do cativo: trabalho, família, aliança e mobilidade social: (Porto Feliz, São Paulo, 1798-1850. Rio de Janeiro, FPERJ, 2008.